

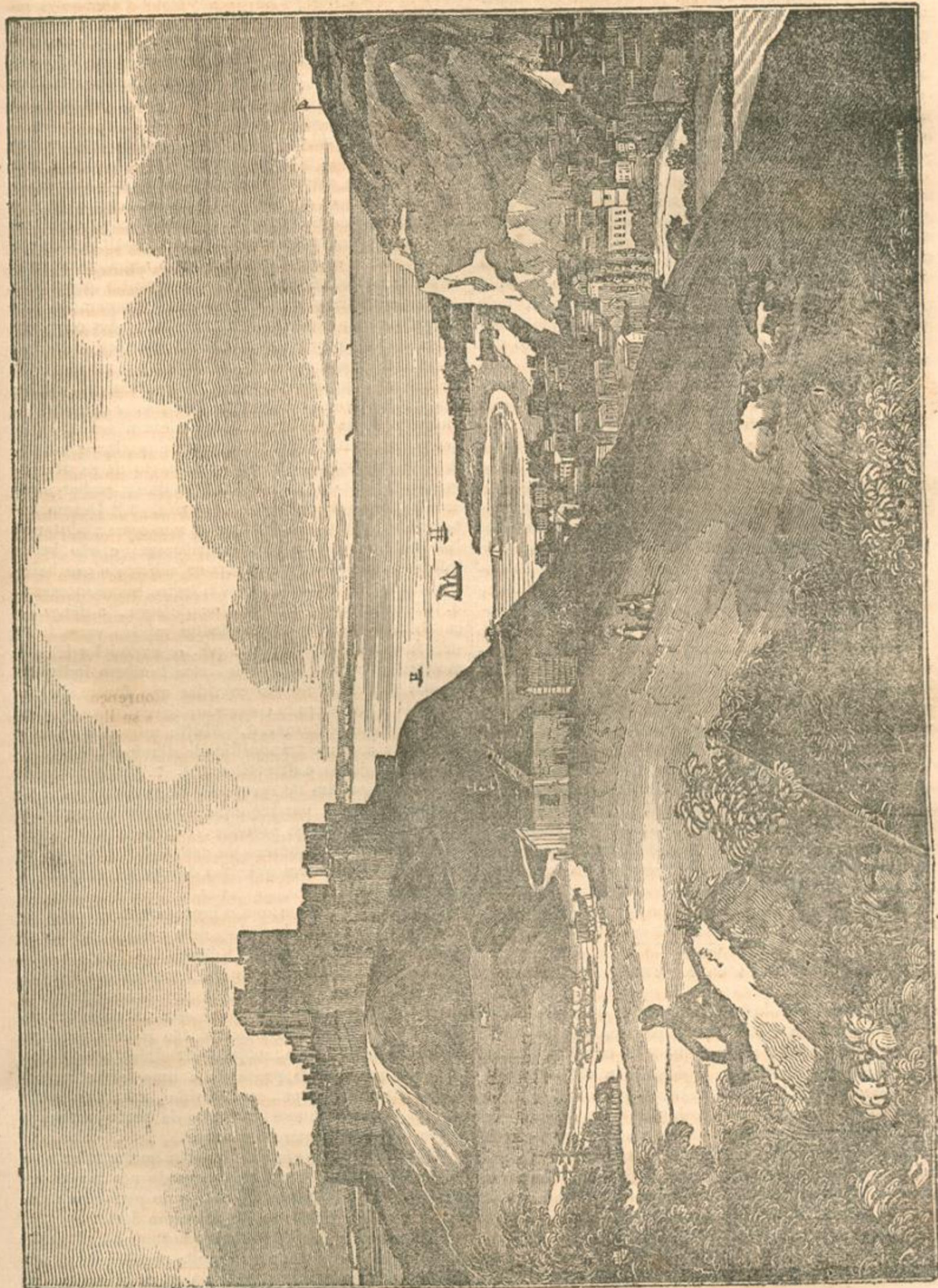
O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA
Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

112)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (JUNHO 22, 1839)



DOVER, VISTA DO LADO DA TERRA.

DOVER.

DOVER é um dos principaes portos de mar d'Inglaterra, a que os inglezes, por serem ao todo cinco, dão o nome de *Cinque-Ports*.

Dover, desde os tempos mais remotos, foi sempre logar de grande importancia. Os antigos britannicos chamavam-lhe *Dour*; os romanos *Dubris* ou *Dovobernia*; e os saxonios *Dovre*. A povoação está assentada em um valle rodeado de outeiros. A angra espaçosa e funda, juncto á qual está lançada, os seus outeiros selvosos, e os seus arroios de aguas perennes e frias, eram vantagens palpaveis para os antigos ahi fazerem assento de povoado; e quando o general romano Julio Cesar appareceu com o seu exercito para invadir a Inglaterra, encontrou nestes outeiros um grosso esquadrão de guerreiros que se oppozeram ao seu desembarque. Dover, todavia, veio a ser um posto militar romano, e crê-se que no logar onde hoje está o moderno castello, houvera antigamente outro edificado por Cesar. Durante o dominio dos romanos este porto se tornou de summa importancia, por estar situado á borda do mar, e por jazer mui visinho das costas das Gallias, hoje França. Por estas vantagens, não só então, mas sempre foi e é o principal ponto de contacto entre a Inglaterra e o Continente.

Nos tempos antigos, Dover apresentou, frequentes vezes, scenas de esplendor, actividade e magnificencia, com os grandes exercitos e armadas, que ahi se ajunctavam para de lá passarem ás praias da França, que lhe estão fronteiras. Em 1189, o celebre Ricardo 1.º embarcou em Dover para ir á guerra das cruzadas. A sua armada constava de cem navios de vella e de oitenta gallés, com que passou a Gravelines na mesma noite em que embarcára.

O mais notavel edificio de Dover é o castello antigo, cuja fundação alguns attribuem a Julio Cesar, mas que, segundo outros, foi edificado pelo imperador Claudio.

A cidade, construida em fórma de semicirculo, está, como dissemos, assentada em um valle: rodeam-na altos pincares de pedra calcarea, de cujos topos a vista do mar fronteiro e das costas de França é grandiosa e bella. É a cidade bem construida, tendo muito boas casarias, cuja maior parte é moderna. Tem uma rua principal, de mais de uma milha de comprido, e algumas travessas, tudo bem calçado, e allumiado com gaz. Ha ahi banhos d'agua salgada, quentes, frios, e de emborcação, e alem disso toda a commodidade para os banhos de mar. Ha tambem boas livrarias e gabinetes de leitura. Os arredores são picturesque e deleitosos, com magnificas vistas.

A população de Dover orça por 11:000 habitantes.

EDUCAÇÃO PHYSICA DA PRIMEIRA INFANCIA.

JÁ no primeiro volume deste jornal dissemos alguma cousa ácerca da educação physica em dois diversos artigos [*]; mas o que ahi escrevemos era principalmente destinado a derivar a attenção publica para este objecto, que temos por um dos mais importantes para os que desejam o progresso do seu paiz. Hoje voltaremos a tractar o assumpto com mais miudeza, offerecendo aos paes e mães de familia algumas considerações de altissima utilidade, para que hajam de ter filhos robustos, bem conformados, e sadios, o que, depois de uma boa educação moral e intellectual, é a melhor herança, que lhes podem legar.

(*) Veja-se vol. 1.º a pag. 5 e 6.

É na infancia que se lançam os fundamentos da boa ou má saude; e a fonte mais fecunda das enfermidades que tornam a existencia desgraçada encontra-se não só nos erros dos auctores dos nossos dias, mas com particularidade ainda mais nos vicios da educação. É certo que a creança mais bem disposta degenera brevemente por esta causa, e se torna fraca, languida, e sujeita a dores e molestias para toda a vida, se não succumbe logo a ellas.

A natureza encarregou especialmente as mulheres dos cuidados da primeira educação: são estes cuidados para as mães obrigação sagrada, a que sem crime se não podem esquivar; e é da observancia, ou infracção desta lei que depende principalmente a sorte feliz ou infeliz dos homens.

Logo depois da concepção começam os deveres maternos. Tanto que a mulher conhece que está grávida deve, para a sua propria conservação e de seu filho, moderar os appetites e paixões, fazer exercicio proporcional ás suas forças, e submeter-se a um regimen conforme com a sua idade, constituição e estado. Podem-se estabelecer, como regra geral para todas as mulheres grávidas, os seguintes preceitos: 1.º Que respirem ar puro, sereno, temperado, não humido, nem carregado de vapores fetidos ou doentios: 2.º Que usem de alimentos de facil digestão, e se abstenham de carne salgada, ou muito cheia de adubos, de massas, e, em uma palavra, de todas as substancias tenazes, pesadas, e compactas. Durante a prenhez as mulheres devem ser mais sobrias, e acatelladas que em outro qualquer estado. A moderação em tudo é o meio certo de as dispensar de terem de valer-se de remedios, embargando as causas que os tornam necessarios. 3.º Devem beber pouco vinho, e raras vezes sem agua; abster-se inteiramente de bebidas espirituosas; e não beber café senão de tempos a tempos; porque o uso habitual desta bebida tem causado varios maus successos. 4.º O exercicio a cavallo, ou de sege, a dança, e os trabalhos penosos ou violentos muitas vezes teem sido funestos: os passeios a pé, os exercicios leves e moderados não só são uteis, mas tambem indispensaveis. 5.º As mulheres grávidas não devem deitar-se tarde; antes, pelo contrario, devem dormir mais do que teem costume. 6.º Muito proveitoso lhes é conservar a paz e tranquillidade d'animo, e distrahir-se com jogos e divertimentos. 7.º É importante que se abstenham de sangrias, de vomitorios, e de purgantes, que, por ignorancia, muita gente julga serem necessarios na prenhez, convindo isso apenas em mui limitado numero de casos. 8.º Emfim: os vestidos das mulheres grávidas devem ser amplos, e não as apertar.

Naquelle estado em que o homem natural não está depravado nem pelos bens, nem pelos males da sociedade, a mulher grávida o busca tão pouco a elle, como elle a ella. Os povos da America meio-civilizada não tinham tracto com as mulheres durante a gestação; e, verosimilmente, é esta uma das razões, diz Paw, porque ahi nasciam tão poucas creanças disformes e aleijadas, cuja multiplicação se deve, mais do que muitos pensam, a uma incontinnencia bruta. Tal é tambem, sem duvida, uma das causas porque morrem menos mulheres de parto, entre as nações selvagens, que na Europa.

Cabia aqui dizer quanto importa que as mães amamentem seus filhos; mas escusado nos parece repetir o que já dissemos no artigo do primeiro volume, a que nos referimos no principio deste.

Os principaes erros, que se comettem na educação da infancia, consistem no grande numero de envoltorios e pannos em que embrulham as creanças, no

uso das faixas, e na grande quantidade de alimento que lhes dão, nos remedios que lhes ministram sem tento, e sem necessidade, nas branduras a que os habitam, quando os paes são abastados, nas paixões nocivas que nelles desenvolvem e fomentam, e nos estudos prematuros.

Imagina o vulgo que toda a roupa é pouca para uma creança recém-nascida; e para a resguardar das injurias do ar, embrulham-na em trapos de todos os feitios e grossuras, e conservam-a mettida em quartos agasalhados, de modo que, passado pouco tempo, a creança já não póde soffrer o ar, constipando-se apenas a expõe a elle. Claramente se vê que tal costume é mui prejudicial, e torna as creanças incapazes de supportarem sem risco, durante o resto da sua vida, as mudanças repentinas da atmosphera, tão frequentes em nossas regiões. Todavia não é muito de recear o effeito do frio nas creanças; porque a experiencia tem mostrado que, guardadas as demais proporções, melhor o soffrem ellas que os adultos, tendo, por consequencia, menos necessidade de abafos, e de andarem enroupadas: mas não se contentam com isto: apenas ellas veem a luz do dia, ligam-lhes pés e mãos, oprimem-as, apertam-as, embrulham-lhes os corpos com faixas, de modo que se não possam bulir. Ora, nada contraria mais o desenvolvimento dos membros e da força corporea, que a falta de acção a que as condemnam. Não é pois de admirar que taes creanças sejam debeis e enfesadas.

Outro inconveniente, que nasce do aperto causado pelas faixas, é as disformidades que produz. Os ossos, naquella idade, são tenrissimos, e mui flexiveis: semelhantes á cera, cedem facilmente, e tomam máu geito, o qual mui difficil é de remediar: é esta a razão porque muitas pessoas, que nasceram sem nenhum vicio de conformação teem as espáduas saídas, a espinha dorsal curvada, e morrem, a maior parte das vezes, de molestias de bofe. Accresce a isto que a creança, assim tolhida, procura soltar-se daquellas prisões, e que á força de gritar e agitar-se, põe-se em más posturas, que não só produzem aleijões, mas até hernias. Alem disso o aperto do corpo embaraça a respiração e a digestão: por isso não é raro vêr morrer muitas creanças phtysicas ou de convulsões. O que dizemos das faxas deve applicar-se tambem ás barbas de balea, em que mettem depois as raparigas, e que são egualmente funestas. Mas que importa que seja á custa da saude e até da vida, com tanto que possam algum dia agradar! Enganam-se todavia os paes e mães: estes suppostos meios, imaginados para dar boa figura ao corpo, produzem ordinariamente, como já notámos, aleijões maiores e mais perigosos que esses que se querem emendar. O unico meio que ha para embargar os vicios de conformação é imitar os povos selvagens, que não conhecem nem faixas, nem barbas de balea, e que nem por isso teem creanças aleijadas. Estudemos sobre esse ponto no livro da natureza: entre os animaes cujo unico guia é ella, raro é vêr algum aleijado ou disforme de nascença.

Seria fastidioso entrar em miudezas sobre o modo de vestir creanças, e sobre as differentes especies de vestidos que lhes convem, visto deverem variar segundo o paiz e a estação. Quanto ao feitio, este, que se regula ordinariamente segundo a móda, ou o gosto dos parentes, nada influe na saude; a unica regra que ha a seguir é que os vestidos das creanças não sejam mui quentes, e talhados por tal modo, que nada tenham apertado, ou que se cinja ao corpo, e que deixe livres todos os movimentos. Devem-se desterrar braceletes, fitas, cinctos, e finalmente

tudo o que póde opprimir, ou apertar, e por consequencia constringer a circulação, tornar os humores estagnados, e produzir affluencia de sangue para a cabeça ou para o peito. A cabeça deve andar levemente cuberta, e ao passo que os cabellos crescem, é necessario costumar a creança a andar sem touca, de modo que, passado um anno, traga sempre a cabeça descuberta.

Em quanto as creanças não andam é escusado calçá-las: só quando principiam a servir-se das pernas é que disso necessitam: e o melhor calçado então são alparcas, ou çapatos d'ourela.

Convem deitar no berço a creança, quando dorme, só com a camisa, sem faixa ou involtorio nenhum, e em lençoes bem enxutos, que se devem mudar apenas estiverem sujos, porque a limpeza é um dos meios mais efficazes para conservar a saude; a cobertura do berço deve ser leve.

O sustento das creanças não é menos importante que o vestuario: nisto deve ser, como no mais, guia e mestra a natureza; e não se lhes dar mais do que ellas necessitam. A mãe deve offerecer o peito ao filho logo que elle mostra vontade de mamar. O primeiro leite que dão os peitos é um soro claro, acidulo, chamado *colostrum*, que purga a creança e favorece a expulsão do *meconium*, que se ajunta nos intestinos do feto durante a gravidez. Facil é de perceber que quando a creança é privada deste primeiro leite, fica exposta a doengas mortaes, que o *colostrum* tem a propriedade de impedir. Assim, esta substancia é um remedio preparado pela propria natureza: mas, se a creança recém-nascida recebe um beneficio de sua mãe, no mesmo instante lh'o paga, livrando-a de um humor lacteo superabundante, cuja affluencia continua para os peitos os dilata, incha, e nelles produz vivas dores e outros accidentes perigosos.

Teem muitas mulheres o pernicioso costume de fazer com que a creança, apenas acaba de nascer, emgula alguns cordiaes, e até vinho, para a fortalecer, segundo ellas dizem, e creem. Nada ha mais nocivo que este costume, e só no caso de nascer a creança com os symptomas de morte apparente, é proveitoso empregar tal meio, para excitar a força vital, e promover a circulação. Não menos perigoso é dar-lhes purgantes, que só servem para perturbar e desordenar as funções organicas. A natureza proveu nos meios de fazer expulsar á creança o *meconium*: para isso basta o primeiro leite, e quando o não tome, uma pouca d'agua-mel é mais conveniente, e satisfaz melhor as indicações da natureza, que essas drogas, que lhe repugnam. Outro erro, não menos prejudicial ás creanças, é o de lhes dar narcóticos, como laudano, xarope de dormideiras, ou de diacodio, para as fazer dormir. São estes remedios venenos infalliveis, que represam o movimento dos nervos, embotam a sensibilidade, perturbam a ordem das funções, fazem subir o sangue á cabeça, e deixam, não raro, impressões funestas e permanentes nos orgãos do sentimento. Não podem ser uteis senão em limitadissimo numero de casos; e o saber quaes elles são pertence, não ás mães, mas sim aos medicos.

Por via de regra o leite das mães, quando são bem constituídas, basta ás creanças nos tres ou quatro primeiros mezes; e rarissimas vezes é necessario dar-lhes outro alimento. Antes de findar este periodo, o estomago não está em circumstancias de digerir outra cousa, que não seja o leite, destinado pela natureza para ser o sustento dos recém-nascidos: é o leite um alimento accommodado á fraqueza dos orgãos digestivos das creanças, ao gráu d'acção, que

a digestão deve excitar em todo o systema, e proprio para dar a porção de succos alimenticios necessarios para o crescimento. Bem pouco é preciso para isto nos primeiros mezes; e as mães e amas péccam, ordinariamente, nestes pontos: imaginando que a creancinha tem fome todas as vezes que grita, dão-lhe o peito dez ou doze vezes ao dia. Este erro é um dos mais perigosos; porque as creanças não gritam, senão quando se doem, ou quando alguma cousa as incommoda. A fome, quando principia, não produz dor; e quando qualquer creança tem necessidade de mamar, a manifesta com bem claros signaes, antes de começar a chorar.

(Concluir-se-ha).

HISTORIADORES PORTUGUEZES.

I

Fernão Lopes.

Tão raros, ou tão pouco lidos andam os antigos escriptores portuguezes, que muitas pessoas ha, não de todo hospedes nas letras, que apenas de nome os conhecem, e frequentes vezes nem de nome. Grave mal, por certo, e mui de lamentar é tal e tão ingrato desamor áquelles que assim lidaram em suas doudas vigílias ou para nos transmittirem as heroicas façanhas de nossos antepassados, ou para nos doutrinarem com virtuosos conselhos, ou para nos consolarem com um brado de poesia de mais singellas eras, ou, finalmente, para nos herdarem sua sciencia; que muita e boa a tiveram. Assustam os livros pesados e volumosos do tempo passado as almas deheis da geração presente: a aspereza, e severidade do estylo e linguagem de nossos velhos escriptores offende o paladar mimoso dos afeitos ao polido e suave dos livros francezes. Sabemos assim quaes são os documentos em que estribam glorias alheias; ignoramos quaes sejam os da propria, ou, se os conhecemos, é porque estranhos no-los apontam, viciando-os quasi sempre. Symptoma terrivel da decadencia de uma nação é este; porque o é da decadencia da nacionalidade, a peor de todas; porque tal symptoma só apparece no corpo social quando este está a ponto de dissolver-se, ou quando um despotismo ferrenho poz os homens ao nivel dos brutos. Desenterra a Alemanha do pó dos cartorios e bibliothecas seus velhos chronicões, seus poemas dos Nibelungos e Minnesingers; os escriptores encarnam na poesia, no drama e na novella actual, as tradições populares, as antigas glorias germanicas, e os costumes e opiniões que foram: o mesmo fazem, a Inglaterra de hoje á velha Inglaterra, e a França de hoje á velha França: os povos do Norte saúdam o Edda, e os Sagas da Islandia, e interrogam com religioso respeito as pedras runicas cubertas de musgos, e sumidas no amago das selvas: todas as nações, emfim, querem alimentar-se e viver da propria substancia. E nós? Reimprimimos os nossos chronistas? Publicamos os nossos numerosos ineditos? Revolvemos os archivos? Estudamos os monumentos, as leis, os usos, as creanças, os livros, herdados de avoengos?

Não.—Vamos todos os dias ás lojas dos livreiros saber se chegou alguma nova semsaboria de Paul de Kock; alguma exaggeração novelleira do pseudonymo Michel Masson; algum libello antisocial de Lamennais. Depois corremos a derrubar monumentos, a converter em latrinas [*] ou tabernas os logares consagrados pela historia ou pela religião. . . .

(*) Asseveram-nos que para este mister está servindo a cella chamada do Quidestavel, no convento de Carmo.—*Proh pudor!*

E depois, se vos perguntarem: de que nação sois? responderéis: Portuguezes!

Callae-vos; que mentis desfaçadamente.

Mas nós faremos lembrada, ao menos aqui, a nossa gloria litteraria.

Como o pae da historia nacional: como o velho Fernão Lopes, começámos a escrever as memorias que delle restam, moralizando primeiro, do mesmo modo que elle moralisava antes de entrar na materia. Não se nos leve a mal um defeito [se o é] em que já caíu o nosso principal chronista, quando é delle que devemos fallar.

Escaças são as noticias que chegaram até nós ácerca de Fernão Lopes. A epocha do seu nascimento ignora-se; mas parece que devia ser na da gloriosa revolução de 1380, ou alguns annos antes. O abbade Barbosa e outros dizem que fôra secretario de elrei D. Duarte, quando infante, e de seu irmão D. Fernando, e cavalleiro da casa do infante D. Henrique. Em 1418 foi encarregado por D. João 1.^o da guarda do real archivo, cargo que até então andara unido a um emprego da fazenda publica.

Por trinta e seis annos serviu Fernão Lopes de guarda dos archivos, e de todo este tempo existem varias certidões, passadas por elle, das escripturas da torre do castello da cidade de Lisboa. Depois de tão largo periodo foi substituido por Gomes Eannes d'Azurara, que D. Affonso 5.^o nomeou em lugar de Fernão Lopes, por este ser já tão velho e fraco, que por si não podia bem servir o dicto officio, dando-o a outrem, por seu prazimento, e por fazer a elle mercê, como é rasom de se dar aos boões servidores, segundo diz a carta de nomeação d'Azurara. A epocha da morte do chronista ignora-se absolutamente; mas sabe-se que ainda vivia em 1459, cinco annos depois de ter sido exonerado do cargo de guarda do archivo.

Quando D. Duarte subiu ao throno [em 1434] deu carregos a Fernão Lopes, seu escriptam, de poer em caronyca as estorias dos reys, que antygamente em Portugal foram; esso meesmo os grandes feytos e altos do muy vertuosso, e de grandes vertudes, elrey seu senhor e padre [D. João 1.^o] dando-lhe por isto 14 \$ 000 libras cada anno, mercê que foi confirmada em nome do moço principe, por influencia do infante D. Pedro, tão sabio, quanto infeliz, pae e protector das letras.

Foi, com effeito, Fernão Lopes o primeiro que poz em caronyca, isto é, em ordem, as estorias da primeira dynastia dos reis portuguezes, e fez a bella chronica de D. João 1.^o Até ahí havia apenas algumas memorias espalhadas, alguns breves compendios dos successos publicos: neste numero deve entrar um manuscrito que existia em Sancta Cruz de Coimbra, feito, segundo parece, nos fins do seculo 14.^o, em que mui de leve se mencionam os acontecimentos mais notaveis dos tres primeiros reinados, e delle talvez se houvessem de contar as antigas chronicas, que Duarte Nunes reformou, ou estragou, e que muito desconfiarmos sejam as mesmas que colligiu Acenheiro no principio do seculo 16.^o, e que serviram de fundamento a Ruy de Pina e Galvão; sobre tudo o que pesam ainda muitas sombras, ao menos para nós, parecendo-nos, todavia, indubitavel que alguma cousa havia escripta antes de Fernão Lopes; porque alguma cousa eram essas estorias dos antigos reis, mencionadas na carta de nomeação de Fernão Lopes, e que nesse documento se distinguem claramente dos feitos de D. João 1.^o

De quanto Fernão Lopes escreveu, o que hoje existe, conhecido e impresso, é a chronica de D. Pedro 1.^o, a de D. Fernando, e a de D. João 1.^o

Comtudo, por averiguado se tem que elle escrevêra a dos outros reis anteriores, e até Damião de Goes lhe attribue uma de D. Duarte. Seja o que for, é certo que para a gloria de Fernão Lopes são monumentos sobejos as tres chronicas que delle existem.

O nosso celebre critico Francisco Dias, o homem, talvez, de mais apurado ingenho, que Portugal tem tido, para avaliar os meritos de escriptores, diz que Fernão Lopes fôra o primeiro, na moderna Europa, que dignamente escrevêra a historia: com razão o diz, e poderia accrescentar que poucos homens tem nascido historiadores como Fernão Lopes. Se em tempos mais modernos, e mais civilizados, houvera vivido e escripto, não teriamos por certo que invejar ás outras nações nenhum dos seus historiadores. Além do primor com que trabalhou sempre por apurar os successos politicos, Lopes adivinhou os principios da moderna historia: a *vida* dos tempos de que escreveu transmittiu-a á posteridade, e não, como outros fizeram, sómente um esqueleto de successos politicos e de nomes celebres. Nas chronicas de Fernão Lopes não ha só historia; ha poesia, e drama: ha a idade média com sua fé, seu enthusiasmo, seu amor de gloria. Nisto se parece com o quasi contemporaneo chronista francez Froissart; mas em todos esses pontos lhe leva conhecida vantagem. Com isto, e com chamar a Fernão Lopes o Homero da grande epopeia das glorias portuguezas, teremos feito a tão illustre varão o mais cabal elogio.

O REI DE MALEMBA.

Não é permittido ao rei de Malemba ou Cimfucá [no Congo] fazer nenhum commercio, ou visitar os portos do mar. É obrigado a residir com os sacerdotes no fundo do sertão, para ali vigiar o grande deposito do seu estabelecimento religioso, e guardar o asylo sagrado dos *feitigos* ou divindades. Não pôde usar nenhum vestuario de fazenda estrangeira, e cumpre-lhe contentar-se, para trajar, com o panno grosseirissimo da terra. Levam tão longe o escrupulo a este respeito que não é permittido a nenhum dos principes chegar á pessoa real, sem ir vestido do mesmo modo. Até os europeus quando fazem alguma visita de cerimonia ao rei, para lhe offerecerem algum presente, são obrigados a conformar-se com esta etiqueta. Este costume, juncto a varios outros, faz que, quando a corôa se torna electiva, por falta d'herdeiro, os nobres hesitem se hão-de aceitar um throno, que os obriga á reclusão, e a privações; do que ás vezes resulta haver largos interregnos, como aconteceu em 1785. Mambucá era o unico candidato ao throno vago; mas como gosava de grande poderio, e tirava do commercio avultados lucros, entreteve a nação, e retardou por muitos annos a sua subida ao throno, tão pouca pressa tinha de trocar as vantagens reaes e os prazeres de que gosava, pelas austeridades e mortificações da realisa. Mambucá, segundo parece, não considerava esta, senão como uma caixa de relógio; e se, como em Malemba, o throno não tivesse mais attractivos, o genero-humano não seria tantas vezes flagellado.

VARIOS-METHODOS PARA FAZER REVIVER LETRAS APAGADAS.

QUANDO se querem restaurar as letras mui gastadas d'um antigo pergaminho, mette-se este em um balde de agua de poço, acabada de tirar; passado pouco tempo mette-se o pergaminho em uma prensa,

entre dois papeis, para não encolher quando sécca. Se quando estiver secco, não se poder ainda ler bem, repete-se a operação mais uma ou duas vezes; a tincta volta ao seu estado primitivo, e o pergaminho fica de uma côr uniforme.

Ha outro meio de fazer reviver as escripturas antigas, que é o seguinte. Toma-se um vaso de barro vidrado, que leve obra de uma canada: deita-se-lhe dentro uma diminuta porção de galha pisada com cebollas, a que primeiro se tiram as duas capas exteriores. Este mixto deve occupar tres quartas partes do vaso, e o resto até cima enche-se com agua commum. Põe-se isto a ferver hora e meia ou duas horas; depois tira-se do lume, e passa-se o liquido por um panno de linho, torcendo-o alguma cousa para expremmer o sumo da cebolla: passa-se segunda vez por outro panno mais tapado, deixa-se esfriar, e mette-se em um frasco. Frio este licor parece-se com a calda d'orchata; mas em se aquecendo torna-se mui transparente. Quando esta composição está ainda ao lume pôde-se-lhe acrescentar um pedaço de pedra hume do tamanho de uma avelan; mas em levantando fervura deve-se escumar. O modo d'usar desta agua é o seguinte: Põe-se a aquecer a quantidade de que, pouco mais ou menos, se precisa, ou em um covilhete, ou em uma colher á luz de uma véla, até que principie a ferver; então molha-se nella um papel ou um trapo branco e corre-se com elle o documento, cujos caracteres se querem avivar, ou só as palavras que se não pôdem ler. Aproxima-se, depois disto, o documento ao lume, para que o liquido traspassse bem a escripta primitiva. O inventor desta receita assevera que a experimentou, com bom resultado, em documentos do 13.^o e 14.^o seculo, quasi totalmente gastos. Assim ella servirá não só aos homens de letras, mas tambem aos archivistas e paleographos que tem de trabalhar em documentos antigos.

Alóra os dois methodos acima apontados ha outro mui trivial que é pôr de infusão ao sol uma pouca de galha pisada com vinho branco, e depois com um pincel ou escova molhada neste mixto, molhar o escripto que se quer avivar, o qual immediatamente fica legivel: mas este methodo tem o grandissimo inconveniente de, com o tempo, ficar negra toda a superficie do papel ou pergaminho, e o documento sem remedio perdido; não podendo portanto servir tal receita senão para tirar copias authenticas contanto já com o ficar inutilisado o documento original. Nos nossos archivos tanto publicos, como particulares ha innumeraveis pergaminhos estragados completamente com esta receita.

A PEDRA BAZAR OU O BEZOARTICO.

AO BEZOARTICO, assim chamado vulgarmente na Europa, deram os nossos antigos escriptores o nome de pedra bazar. Ainda nos lembra o tempo em que os rapazes, passando pelas boticas, perguntavam se nella havia *pedra bazar*, cousa que grandemente affligia os boticarios velhos, e até os moços; porque muitas vezes uma pedrada, que quasi sempre acompanhava a pergunta, ia partir alguns vidros de preciosas drogas. Hoje esta moda passou; por que os proprios rapazes, neste seculo da politica, voltaram as atenções para os negocios publicos, occupando-se na parte *menos* ruidosa della — os vivas, os morras, e os hymnos.

A pedra bazar, ou bezoartico era o nome geral das concreções, calculos, ou pedras formadas no estomago ou nos intestinos dos animaes, como os cal-

culos urinarios, ou biliarios dos homens [bezoartico humano] o *bulithes* [bezoartico dos bois] o *hippolithes* [bezoartico dos cavallos] &c.: estas substancias foram por muito tempo de grande valia, e compravam-se a peso d'ouro, porque lhes attribuiam, na fé dos arabes, virtudes maravilhosas, e entre outras, a de preservar da peste e do veneno. Parece que ainda hoje, no oriente, estão bem longe de terem em conta de chimericas as propriedades do bezoartico; porque em 1808 o schah da Persia julgou que estas substancias deviam entrar em um presente magnifico que fez a Napoleão. O imperador, segundo se diz, mandou-as analysar, e depois metter no lume. A pedra de bazar, ou bezoartico nada significa pois na chymica moderna, e tal nome só servirá para entrar na historia dos erros do espirito-humano.

EXERCITOS DO MUNDO.

O SEGUINTE quadro estatistico, extrahido da *Nouvelle Encyclopedie*, mostra a força militar das diversas nações do mundo, que teem exercitos regulares, não se devendo todavia considerar este calculo senão como approximado, por variar de anno para anno a organização militar das nações, em consequencia das occorrencias politicas.

	Exercito permanente.	Reserva.	Proporção com o numero de habitantes.
França	360:000	3:639:700	1 em 91
Graã-Bretanha	108:600		1 ,, 230
Hespanha [tropas da rainha]	71:300	25:000	1 ,, 200
Portugal [*]	15:080	6:000	1 ,, 142
Belgica [contando a reserva]	110:000		1 ,, 160
Baden	10:100		1 ,, 125
Nassau	1:300		1 ,, 203
Hesse [Graã-duca-do]	8:000		1 ,, 92
Hesse-Cassel	9:000		1 ,, 73
Wurtemberg	16:900		1 ,, 76
Baviera	20:000		1 ,, 208
Suissa		33:578	
Hollanda	35:000	42:500	1 ,, 79
Dinamarca	33:800		1 ,, 53
Hanover	9:000		1 ,, 183
Brunswick	3:000		1 ,, 82
Mecklemburg	3:000		1 ,, 119
Oldenburg	1:500		1 ,, 164
Anhalt	1:220		1 ,, 115
Saxe [reino de]	12:000		1 ,, 130
Saxe-Coburg	600		1 ,, 266
Saxe-Meiningen	500		1 ,, 286
Saxe-Weimar	1:100		1 ,, 214
Sardenha	29:640		1 ,, 145
Toscana	5:500		1 ,, 272
Modena	800		1 ,, 475
Parma	1:320		1 ,, 336
Lucca	800		1 ,, 181
Estados do Papa	10:000		1 ,, 261
Napoles	30:000		1 ,, 250
Grecia	10:000		1 ,, 90
Egypto	110:000		1 ,, 32

(*) No principio da guerra civil o exercito do Imperador era de 8:219 homens, e o de D. Miguel subia a mais de 79:525; no fim da campanha o exercito libertador contava nas suas fileiras 60:119 homens; o de D. Miguel ainda formava uma força respeitavel quando depoz as armas. E' de crer que durante a guerra chegassem a haver em Portugal mais de 100:000 homens em armas; avaliando a população do reino pouco mais ou menos em 3:000:000, vinha a ser a proporção do exercito para o numero de habitantes de 1 para 30—Hoje o exercito difficilmente passará de 10:000 homens; a força futura, marcada pelas côrtes, será de 91:980 homens.

Austria	271:400	479:000	1 ,, 124
Russia	690:000		1 ,, 73
Prussia	122:000	400:000	1 ,, 108
Suecia	41:540	130:000	1 ,, 98
Turquia	30:000	120:000	1 ,, 266
Estados-Unidos	6:180	1:308:047	1 ,, 2265
Haiti	15:000	60:000	1 ,, 56
Mexico	25:000		1 ,, 260
Colombia	30:000		1 ,, 63
Bolivia	2:500	30:000	1 ,, 500
America Central	2:000	20:700	1 ,, 900
Paraguay	3:000	30:000	1 ,, 75
Brasil	15:000	45:000	1 ,, 342
La Plata	20:000		1 ,, 120
Perú	3:000		1 ,, 566
Chili	3:000	20:800	1 ,, 200
India Britannica [indigenas]	205:200		1 ,, 548
Persia	25:000	230:000	1 ,, 480
Sindh	22:000		1 ,, 181
Siam	60:000		1 ,, 47
China	1:290:000		1 ,, 147
Cochinchina	54:000		1 ,, 96
Total	3:956:980	6:594:215	1 ,, 253

VELLAS ECONOMICAS.

O PRINCIPAL defeito das vellas de cebo é a facilidade com que se derretem, caíndo grande parte dellas em pingos na roleira ou castiçal, em que estão mettidas: para obviar a este defeito, e fazer com que durem mais tempo, acha-se a seguinte receita no dictionario domestico de Havet.

Derretam-se oito arrateis de cera branca, em um vaso comprido e estreito, e ajunctem-se-lhe dois arrateis de cebo bem purificado. Em estando tudo derretido e misturado, mergulhem-se no liquido vellas de cebo de oito em arratel, as quaes se devem tirar passados apenas alguns segundos: estas vellas ficarão cubertas d'uma capa de cera, que terá pouco mais ou menos uma linha de grossura. Se esta capa não parecer sufficiente, repita-se a operação, e pendurem-se depois as vellas pelos pavios, para seccarem bem.

Accesas estas vellas, a cera, derretendo-se muito mais devagar que o cebo, formará uma especie de borda juncto á luz, que impedirá que elle corra; e além disso a vella parecerá exactamente uma vella de cera.

Os cerieiros e cebeiros vendem estas vellas já assim preparadas; mas é facillimo fazer em casa o mesmo que elles fazem, como succederia a muitas outras cousas que as familias compram mais caras, por não quererem ou não saberem estas receitas de economia domestica, tão faceis de pôr por obra.

METHODO PARA TIRAR A SÉVE ÁS MADEIRAS CORTADAS DE POUCO.

A séve que ha nas madeiras é a causa da sua destruição: nas melhores vae-as arruinando até o tempo a gastar de todo: nas de inferior qualidade, ou cortadas fóra de tempo, corrompe-se, attrahe o caruncho, fa-las arder, rachar e até apodrecer em breve, sobre tudo se as empregaram sem estarem bem seccas, e as deixaram expostas ao ar, ou mettidas em agua, quer doce, quer salgada, ou em tabiques, ou frontaes. É por isso indispensavel recorrer á re-

ceita que vamos apontar. Consiste esta em ferver a madeira, ou, quando isso não possa ser pela grandeza do madeiro, ao menos deitar-lhe por cima repetidas vezes agua a ferver, e secca-la depois em uma estufa. Podem-se construir todavia tinas proprias para metter os madeiros maiores, que sendo desmesurados, tambem se podem cortar segundo as peças que delles se querem fazer. O resultado de todas as experiencias que se teem feito a este respeito provam que o methodo é excellente. Por este meio: 1.º a madeira melhor adquire mais um terço da força que naturalmente tem: 2.º a madeira verde, que necessitaria de muitos annos para poder servir, serve immediatamente: 3.º aquella que parece não prestar para nada torna-se util para varias obras: 4.º resulta deste methodo o poder-se arquear a madeira como se quizer, quando sae da caldeira ou tina, e endireitar a que tiver empenado; 5.º pode ser a peça que della se faz um terço mais delgada, porque como dissemos ganha em augmento de força: 6.º as madeiras ficam assim menos sujeitas a racharem, abrirem, ou encherem-se de caruncho.

O GRÃO-DUQUE DE TOSCANA FERNANDO 3.º

QUANDO rebentou a revolução de Napoles [1821] o grão-duque foi avisado por uma côrte estrangeira que as principaes pessoas de Florença eram *carbonarios*, e estavam a ponto de fazer tambem uma revolução. Aconselhavam-o que os mandasse prender: o grão-duque, porém, persuadido de que as opiniões politicas e religiosas devem ser respeitadas porque até no erro póde haver boa fé, mandou convidar todos os accusados para virem ao seu palacio: fez-lhes lêr pelo seu secretario a carta que lhes dizia respeito. Elles ficaram espantados: então o grão-duque lhes disse: "Senhores, vedes de que se tracta, e o conselho que me dão. Quanto a mim, não creio que me queiraes fazer mal, nunca vo-lo fiz a vós. Se credes que uma constituição vos póde tornar mais felizes, pedi-ma: estou prompto a fazer tudo o que haja de servir para felicidade de meus subditos. Entretanto, eu ficarei por vosso fiador, e persuado-me de que abonareis a fiança."

Que linguagem sublime! — Quem poderia resistir a um principe tal? O duque é, com effeito, como um pae entre seus filhos. Vi-o muitas vezes, no bello passeio de Cassino, andar de uma para outra parte sem guardas, no meio de todo o povo de Florença; e tão natural parece isto aos florentinos, e são tão livres que passavam ao pé delle, rindo e brincando, sem reparar em que estava alli o seu soberano. — [*Cartas escriptas d'Italia*. 1823].

Obras de J. B. d'Almeida Garret — 18 volumes: Prospecto.

VEIO-NOS á mão um prospecto das obras do Sr. Garret, que se vão reimprimir collectivamente, em uma edição de volumes em 12.º, sendo esse prospecto a amostra do typo, e papel da reimpressão, e offerecendo bem assim a lista das obras que entram na collecção, das quaes boa parte é inédita.

Nas obras do Sr. Garret, como poeta, ha, além do merito extraordinario que as distingue, uma circumstancia, que lhes dá o primeiro logar na litteratura portugueza do seculo 19.º, e vem a ser que ellas começam o periodo da transição entre a velha litteratura da eschola, chamada classica, e a da eschola, que denominam romantica, e a que nós cha-

mamos ideal, nacional, e verdadeira. Antes de D. Branca a nossa poesia, moldada pelo typo da poesia franceza e italiana do seculo passado, não era senão um reflexo pallido da luz serena da arte grega, reverberado frouxamente no poetar dos romanos, e ainda mais descorado no da epocha de Luiz 14.º A influencia da nossa Arcadia, se destruiu os desvarios gongoristicos de seculo 17.º, matou tambem a nacionalidade e a vida intima da poesia: a arte converteu-se em sciencia, e erudição: os poetas *fizeram-se*, não *nasceram*, e por cada poeta *inspirado*, houve vinte educados pela ferulá das poeticas e rhetoricas. Protegidas por metrificacão severa, por peloticas de lingua, por tropos collocados em bateria, por estylo pomposo e estudado, por harmonias vaãs e sem pensamento, quantas semsaborias e trivialidades estão aninhadas por esses muitos volumes de versos de meio seculo! — O padre Macedo, tão accusado e malquisto, por invectivar contra Camões, e escrever o Oriente para contrastar os Lusíadas, não fez mais que resumir e exprimir claramente por theoria e practica o espirito da Arcadia, que a propria Arcadia ou nunca em si entendera, ou nunca ousára declarar. A *fôrma* da arte era o fim da Arcadia: era com as *fôrmas* que Macedo guerreava Camões: era para as *fôrmas* que construia a montanha de gêlo, a que poz nome Oriente. Foi elle quem definiu a chamada restauração da poesia feita pelos poetas do marquez de Pombal; e os discipulos e admiradores dos arcades, que tão assanhadamente pelejavam com Macedo, nem o entendiam, nem se entendiam; e por isso na lucta ficaram sempre, e sem excepção, vencidos.

Quando essas luctas cessaram, e Macedo atirou á balança politica a sua penna violenta e mordaz, o cyclo pseudo-poetico da eschola de Diniz estava completo: devia morrer e morreu; porque a sua missão acabára. A influencia da philosophia litteraria alemã tinha-se espalhado na Europa, e uma poesia livre e robusta fazia curvar diante do pensamento a fôrma, diante do ideal o material, diante do nacional o estranho, diante do poeta a poetica. Foi nesta epocha que o Sr. Garret, atirado pelas revoluções para as praias do desterro, no vigor da mocidade e do talento, viu de longe passar o saimento das eglogas, dos sonetos, dos dithyrambos, das elegias, e das odes pindaricas, daquellas bemaventuradas odes, sobre cuja tumba, *choravam as liras com as bujarronas esvoaçando soltas por mares de louvores, seguidas par um clarão sonoro de buscapés, meio desasado, voando com os pés pelo chão, côsta arriba do Pindo*, cousa mui piedosa d'ouvir e ver, e que fazia chorar as pedras. Viu isto de longe o senhor Garret [que certas cousas só de longe se veem bem, como com tanta pilheria o disse um poeta da eschola arcadiana

Se de perto o não vês, põe-te distante.)

e conheceu que a elle, que nascera poeta, que estava fóra da influencia escolastica, e que via surgir de roda de si a poesia da consciencia e da inspiração, cumpria tomar na litteratura patria, o logar que Scott, Byron, e Crabbe, Goethe, e Schiller e Burger, Lamartine e Soumet, tinham nas litteraturas, ingleza, alemã, e franceza. D. Branca, e o Camões foram, por certo, o resultado desta convicção. D. Branca é o ideal da idade média portugueza convertido em typo poetico; Camões o ideal do poeta christão, valente, e generoso, revelado no quadro da longa agonia dos ultimos annos do rei dos poetas modernos. Estes dois poemas, lançados sem discussão preliminar na arena litteraria de

Portugal, fizeram estremecer de horror os homens das regras, os homens das poeticas e rhetoricas. E, com effeito, esta apparição não podia ser comprehendida; porque a transição era repentina, e porque ninguem percebera que as tradições da Arcadia deviam perecer logo que fossem definidas, que ellas o tinham sido, e que as suas rigorosas consequencias se haviam completamente deduzido. Os criticos agarraram-se á linguagem, ao estylo, á metrificacão emfim, áquillo de que sabiam — ás fórmulas: mas o espirito e o resultado destes dois poemas ficou sem ser percebido, nem calculado, e hoje é que elles se começam verdadeiramente a sentir.

Como todos os escriptos do Sr. Garret tragam o sello da sua missão regeneradora; como a influencia delles na litteratura actual se tenha desenvolvido não o podemos examinar aqui; que a estreiteza deste jornal no-lo veda, e um tal exame equivalera á historia litteraria dos ultimos quinze annos. Tambem de defeitos, não podemos fallar, nem quizeramos; que até nisto foi completa a revolução litteraria: os antigos criticos alimentavam-se de podridão, e por isso o seu maior empenho era buscar erros e vicios nas producções do ingenho: hoje a critica, mais generosa, indaga formosuras e meritos para os revelar ao mundo, onde a arte só deve servir para consolar o homem de tantas amarguras que sobre elle entornou a mão mysteriosa da providencia.

Entendemos que a edição das obras do Sr. Garret é um bom serviço que os editores fazem ás letras portuguezas, e que todos os que as amam os devem ajudar em tão honrado proposito. Repeti-lo-hemos; além do seu merito absoluto, ellas teem o mais valioso ainda de principiarem uma epocha de verdadeira regeneração litteraria.

Tractado Elementar de Geographia Astronomica, Physica, Historica ou Polilica, Antiga e Moderna. Por D. José de Urcullu &c. Porto 1835 — 1839 — 3 grossos volumes em 8.º com estampas — preço 4560 réis.

SAÍU finalmente á luz o 3.º volume desta obra que, por seu auctor, é de grande gloria para Hespanha; pela lingua em que foi escripta de notavel honra e proveito para Portugal. O P.º Rafael Bluteau bem mereceu de nós por nos haver dado, sendo estrangeiro, um dictionario, que ainda, apesar de outros mais modernos, nada perdeu de seu preço e valia: o Sr. Urcullu não bem-merecerá menos dos portuguezes por lhes haver dado uma obra de Geographia, a que por modestia chamou elementar, mas onde as pessoas entendidas e professas na materia terão muito que aprender. Se tantos charlatães estrangeiros que inçam este pobre Portugal, e lhe devoram a substancia fossem Bluteaus, e Urcullus, á fé, que seriamos nós os primeiros a victorea-los e a acata-los. A republica das letras é uma só; mas a do charlatanismo, essa é que, em relação a ella, jaz em outro cabo do mundo.

No primeiro volume da sua obra tractou o Sr. Urcullu dos elementos, e generalidades geographicas, sendo principalmente notavel pela clareza, e ao mesmo tempo pela profundeza de sciencia e erudição; tudo o que na obra diz respeito á parte mais difficil da geographia, a astronomica e a physica. O 2.º volume é dedicado inteiramente á geographia especial da Europa. Este volume começa por uma larga introdução, em que o auctor tracta com grande habilidade da Geographia historico-politica; introdução que muito recomendamos aos nossos lei-

tores, porque é macissa de noticias que a nenhuma pessoa bem educada é hoje permittido ignorar. O 3.º volume abrange a Geographia da Asia, Africa, America, e Oceania, concluindo a obra com varios additamentos, dos quaes o mais importante e curioso é o que contem as descripções dos celebres Mappas de Fernão Vaz Dourado, que estava na Cartuxa de Evora, e de Lazaro Luiz, que pertence á Academia das Sciencias: estas duas descripções são feitas com todo o esmero pelo Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen.

Como a presente noticia não é um d'aquelles artigos de encomenda que apparecem pelos periodicos; mas uma expressão sincera do nosso pensar, diremos que, em uma obra intrinsecamente excellente, e até mui boa pelo lado de aceio typographico, é de lamentar haja frequentes descuidos de linguagem, culpa que se não ha-de imputar ao auctor, que, como estrangeiro, disso deve ser absolvido; mas que recae nos seus amigos, a quem incumbia apontar-lhe e corrigir-lhe essas faltas, para que um livro de tanto merecimento saísse, em tudo, primoroso e acabado.

Vinha aqui a ponto fallar de certo *tractado geographico*, em portuguez, que simultaneamente se publicou em Paris: mas, em verdade, que não valeria o trabalho: os que acerca d'elle quizerem noticias, vejam a Advertencia Preliminar do 3.º volume da obra do Sr. Urcullu.

PI-PI E QUO-QUO.

EM varios prazos antigos, nos quaes, entre os diversos generos que o foreiro devia pagar ao directo senhor, se menciona o foro de alguma ou de algumas gallinhas, apparece um methodo excellente para verificar qualquer fraude que o foreiro quizesse cometer dando em vez de uma gallinha boa, ou, como então se dizia, *recebonda*, alguma que estivesse choca, ou fosse ainda franga. Este methodo de verificacão era ouvir como a gallinha cacarejava; porque sendo franga, ou estando choca não se recebia, visto que os dictos prazos marcam expressamente; *que as gallinhas que se pagarem não digam; pi-pi, nem quo-quo*. Com tal clareza de escripturas era quasi impossivel haver demandas.

Os S.ºs Assignantes cujas assignaturas de semestre findam com o N.º 113, ultimo do mez corrente, são convidados pelo presente a renova-las quanto antes [querendo] para não soffrerem interrupção no recebimento do Jornal.

Novamente a Direcção avisa aos S.ºs Assignantes das provincias, que recebem, pelo correio de que Sua Magestade Fez a Graça de Mandar que o Panorama, á imitação de outros Jornaes litterarios, pagasse de porte só a quarta parte do que pagam as cartas.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo
N.º 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.